

unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

GABRIELA CRISTINA DA SILVA

SUBJETIVIDADE NA REVISTA CAPRICHOS:
Considerações sobre representação da menina/jovem negra



ARARAQUARA – S.P.
2019

GABRIELA CRISTINA DA SILVA

SUBJETIVIDADE NA REVISTA *CAPRICHÔ*:

Considerações sobre representação da menina/jovem negra

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Prof^a Dr^a Marina Célia Mendonça

Bolsa: Bolsista VUNESP (2015 – 2018); bolsi PIBIC (2019)

**ARARAQUARA – S.P.
2019**

Silva, Gabriela Cristina

Subjetividade na revista Capricho: Considerações
sobre a representação da menina/jovem negra /
Gabriela Cristina Silva – 2019

46 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Letras) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de
Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Marina Célia Mendonça

1. Capricho. 2. Menina/jovem negra. 3. Círculo de
Bakhtin. 4. Dialogismo. 5. Representação . I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

“Porque dele, e por meio dele, e para Ele são todas as cousas. A Ele, pois, a glória eternamente.
Amém.”

Romanos 11:36

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus porque, com todo Seu cuidado e amor, sempre esteve comigo e permitiu que eu chegasse até aqui.

Aos meus pais, Gerson e Denise, cujo amor e suporte foram essenciais para essa jornada. Aos meus irmãos, por todas as alegrias e as risadas que compartilhamos juntos.

À minha orientadora, que acreditou no potencial da minha pesquisa e que foi uma foi (e continua sendo) minha inspiração de vida acadêmica.

A todos os meus amigos, por deixarem a vida mais leve.

À UNESP, pelos últimos cinco anos, nos quais além de ter aprendido o conteúdo previsto na graduação, também aprendi sobre a vida e me descobri muito mais capaz do que poderia ter imaginado.

(...) A palavra é o meio em que ocorrem as lentas acumulações quantitativas daquelas mudanças que ainda não tiveram tempo de alcançar uma nova qualidade ideológica nem de gerar uma nova forma ideológica acabada. A palavra é capaz de fixar todas as ^{fases} transitórias das mudanças sociais, por mais delicadas e passageiras que elas sejam.

Valentin Volóchinov, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*

RESUMO

A intenção deste trabalho é analisar dialogicamente a representação da menina negra na revista *Capricho* – revista feminina voltada para o público juvenil - a partir dos postulados de Bakhtin e do Círculo, bem como a partir de trabalhos a eles relacionados. Para tal, alguns conceitos são imprescindíveis, pois estão na base da pesquisa; dentre eles diálogo, enunciado concreto, gênero do discurso, ideologia, enunciado verbo-visual, tema e significação, alteridade e subjetividade. Assim, os objetivos gerais do trabalho são investigar a incorporação dos temas relacionados à negritude, enquanto que os específicos consistem em investigar a ocorrência e configuração da representação da menina/jovem negra. Para compor o *corpus*, foram escolhidos aleatoriamente seis periódicos dentro do período temporal estabelecido, o qual compreende os anos de 2012 a 2014. A partir dos já mencionados conceitos bakhtinianos, os dados levantados são analisados de forma interpretativa e qualitativa, através do cotejamento de textos escolhidas. Desse modo, é possível perceber que a revista possui um discurso autoritário em relação à beleza, o qual se pauta em um padrão restrito e que exclui diferentes tipos de beleza, incluindo a negra.

Palavras – chave: *Capricho*. Menina/jovem negra. Círculo de Bakhtin. Dialogismo. Representação.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to dialogically analyze the representation of the black girl in *Capricho* magazine - a female magazine aimed at the youth audience - from the Bakhtin and Circle postulates, as well as from related works. For such, some concepts are indispensable, because they are in the base of the research; among them dialogue, concrete utterance, speech genre, ideology, verbal-visual utterance, theme and meaning, alterity and subjectivity. Thus, the general objectives of the work were to investigate the incorporation of themes related to blackness, while the specific ones consisted of investigating the occurrence and configuration of the representation of the young black girl. To compose the corpus, six magazines were randomly chosen within the established period, which includes the years 2012 to 2014. From the already mentioned Bakhtinian concepts, the data collected were interpreted through the collation of texts. chosen. Thus, it was possible to realize that the magazine has an authoritarian discourse on beauty, which is based on a restricted pattern and excludes different types of beauty.

Keywords : *Capricho*. Black girl. Bakhtin Circle. Dialogic. Representation

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Capa da edição 1145 da revista <i>Capricho</i>	24
Figura 2	Capa da edição 1165 da revista <i>Capricho</i>	24
Figura 3	Capa da edição 1175 da revista <i>Capricho</i>	24
Figura 4	Capa da edição 1178 da revista <i>Capricho</i>	24
Figura 5	Capa da edição 1192 da revista <i>Capricho</i>	25
Figura 6	Capa da edição 1203 da revista <i>Capricho</i>	25
Figura 7	Reprodução da matéria “... <i>Da incrível história da menina que vive em uma comunidade quilombola</i> ”	26
Figura 8	Reprodução de matéria “ <i>Morar no morro não me impediu de sonhar</i> ”	28
Figura 9	Reprodução de matéria com dicas de <i>make</i>	31
Figura 10	Reprodução de matéria com dicas de <i>make</i>	32
Figura 11	Reprodução de matéria intitulada “ <i>estilosas</i> ”	33
Figura 12	Reprodução de editorial de moda	34
Figura 13	Reprodução da matéria “ <i>Seu cabelo vai fazer você brilhar</i> ”	36
Figura 14	Reprodução da continuação da matéria “ <i>Seu cabelo vai fazer você brilhar</i> ”	37
Figura 15	Reprodução da matéria “ <i>Recupere seu cabelo</i> ”	40
Figura 16	Reprodução da continuação da matéria “ <i>Recupere seu cabelo</i> ”	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 ESTUDOS DE BAKHTIN E DO CÍRCULO	13
2.1 Dialogismo e enunciado concreto	13
2.2 Gêneros discursivos	16
2.3 Signo e ideologia	18
2.4 Verbo-visualidade	20
3 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A <i>CAPRICHÔ</i>	23
3.1 A (não) representação da menina e jovem negra nas seções <i>Moda & Beleza</i>	29
3.2 Gênero do discurso: As seções <i>Moda & Beleza</i> como um guia	42
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIA	46

1 INTRODUÇÃO

A intenção deste trabalho é analisar dialogicamente a representação da menina negra na revista *Capricho*, a partir dos postulados de Bakhtin e do Circulo Bakhtiniano, bem como a partir de trabalhos a eles relacionados. A *Capricho*, publicada pela primeira vez em 1952, é uma revista voltada para o público feminino e possui como temática assuntos associados a dicas de modas, relacionamentos, sexualidade feminina e outros aspectos culturais, como música e cinema, os quais compõem o universo do público alvo do periódico que é formado, em sua maioria, por leitoras adolescentes, com idades que variam de 14 a 17 anos. Portanto, as temáticas abordadas ajudam na construção das identidades das leitoras e na formação de opiniões sobre o mundo que as cerca.

A pesquisa desenvolvida considerou que, com o advento das mídias sociais, nas últimas décadas, há maiores debates sobre questões antes menos discutidas no Brasil, tais como gênero e diversidade étnica. Assim, tendo em vista uma possível necessidade por parte da revista *Capricho* de adequar-se ao momento em que está inserida, a hipótese é que os discursos veiculados por ela incorporem esses debates, no âmbito dos problemas vividos pelas adolescentes brasileiras. Assim, o objetivo geral da pesquisa é investigar a incorporação dos temas recentes relacionados à negritude na revista, enquanto que os específicos consistem em investigar como se dá a representação da menina/jovem negra em seções específicas da revista e em gêneros diferentes.

Para compor o *corpus* dessa pesquisa desenvolvida em 2017 e 2018, foram escolhidos aleatoriamente dois números impressos da revista *Capricho* de cada ano dentro do recorte temporal de 2012 a 2014, já que, a partir de 2015, a revista somente foi veiculada digitalmente; resultando, portanto, o total de seis periódicos. A fim de analisá-lo, são feitas comparações entre as seis revistas escolhidas, a partir do cotejamento de textos (BAKHTIN, 2000) e possui um caráter interpretativo e qualitativo.

Como embasamentos teóricos para o presente trabalho são utilizados os conceitos essenciais ao Círculo de Bakhtin, tais como gênero do discurso, diálogo, enunciado concreto, enunciado verbo-visual, gênero do discurso, ideologia, questões de alteridade, significação e tema (VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 1997; BRAIT, 2005; CARMELINO, 2013; FIORIN, 2008). Também foram aproveitados os estudos sobre verbo-visualidade, na perspectiva bakhtiniana (BRAIT, 2014; GRILLO, 2009, 2012)

O trabalho divide-se em duas importantes partes. Na primeira, serão apresentados os conceitos supracitados que servirão como embasamento teórico para a pesquisa. Já na segunda parte, serão realizadas as análises do *corpus* a partir da comparação entre as edições aleatoriamente escolhidas do periódico.

2 ESTUDOS DE BAKHTIN E DO CÍRCULO

Nas obras de Bakhtin e do Círculo, a realidade não é vista como uma noção acabada e estável, mas como inacabada e dialógica, o que reflete em seu modo de apreender a linguagem. Desse modo, “não há nela uma teoria facilmente aplicável nem uma metodologia acabada para a análise dos fatos linguísticos e literários. Ao contrário, sua obra vai examinando progressivamente conceitos.” (FIORIN, 2008, p. 12)

Neste capítulo serão discutidos conceitos essenciais ao trabalho, sendo eles: dialogismo e enunciado concreto, gêneros discursivos, signo ideológico e ideologia; e as noções de verbo-visualidade e autoria, as quais foram traçadas a partir da perspectiva bakhtiniana.

2.1 Dialogismo e enunciado concreto

De acordo com Fiorin (2008), o conceito de dialogismo está na fundação dos princípios bakhtinianos. A noção de dialogismo não diz respeito aos diálogos face a face, mas à relação que há entre os enunciados, os quais todos são compostos por outros discursos, opostos ou favoráveis ao enunciado proferido.

A fim de traçar as características de um enunciado, Bakhtin diz que

Na realidade, o problema é muito mais complexo. Um enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera. As fronteiras desse enunciado determinam-se pela alternância dos sujeitos falantes. Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são auto-suficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (a palavra “resposta” é empregada aqui no sentido lato): refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles. (BAKHTIN, 1997, p. 316)

Beth Brait (2005) diz que, nas teorias linguísticas, não há consenso quanto ao conceito de enunciado, que apresenta uma variedade de definições e empregos. Porém, de maneira geral, no pensamento bakhtiniano, os enunciados não são conceitos isolados, mas estão atrelados à história, ao contexto e à situação de comunicação envolvendo desde simples expressões a enunciados mais complexos. Assim, há uma perspectiva histórica, social e cultural, nas quais estão envolvidos a comunicação e seus participantes. A caracterização de um enunciado é pautada, portanto, em um posicionamento discursivo e social.

A expressividade de um enunciado é sempre em resposta a outros enunciados; isso ocorre até nos enunciados aparentemente mais monológicos (como uma obra científica), pois eles sempre serão uma resposta a algo que já foi dito, mesmo que não seja de maneira tão explícita. Sobre resposta, Bakhtin afirma que

a resposta transparecerá nas tonalidades do sentido, da expressividade, do estilo, nos mais ínfimos matizes da composição. As *tonalidades dialógicas* preenchem um enunciado e devemos levá-las em conta se quisermos compreender até o fim do enunciado. Pois nosso próprio pensamento – nos âmbitos da filosofia, das artes, das ciências – nasce e forma-se em interação e em luta com o pensamento alheio, o que não pode deixar de refletir nas formas de expressão verbal do nosso pensamento. (BAKHTIN, 1997, p. 317)

As relações entre os enunciados são semelhantes a diálogos. A marcação do discurso do outro – que é feito por meio das aspas na escrita, por exemplo – dá-se com a alternância dos sujeitos falantes, contudo, as fronteiras entre os discursos não são necessariamente bem delimitadas, já que o discurso do “eu” e do outro estão sempre intercalados, dificultando a distinção de cada um. Assim, o discurso possui uma dupla expressão, ou seja, a sua própria e a do outro, a do enunciador que o acolhe. (BAKHTIN, 1997). Não há, portanto, uma pureza nos enunciados, pois em todos eles haverá “as palavras do outro ocultas ou semi ocultas.” (BAKHTIN, 1997, p. 318)

Dessa forma, o filósofo pontua que o único discurso puro foi o de Adão, que não possuía nenhum outro enunciado atravessando seu próprio, enquanto nós, ao produzirmos um enunciado, temos várias posições opostas ou favoráveis, as quais constituem nosso discurso

O objeto de estudo de um locutor, seja ele qual for, não é o objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões do mundo, tendências. (BAKHTIN, 1997, p.319)

Contudo, além de estarem ligados aos seus predecessores, os enunciados possuem ligação com aqueles que ainda existirão, pois o locutor, ao produzir um enunciado, o faz prevendo uma compreensão responsiva ativa. Eles constitutivamente são dirigidos a alguém e voltados ao destinatário, que pode assumir diferentes formas, desde um interlocutor imediato até um indeterminado, como no caso de um monólogo. De acordo com Volóchinov, mesmo os discursos verbais impressos – (como é o caso de nosso *corpus*, a revista *Capricho*) -, são partes constituintes da comunicação discursiva, já que

Esse discurso é debatido em um diálogo direto e vivo, e, além disso, é orientado para uma percepção ativa: uma análise minuciosa e uma réplica interior, bem como uma reação organizada, também impressa. Sob formas diversas elaboradas em dada esfera da comunicação discursiva (resenhas, trabalhos críticos, textos que exercem influência determinante sobre trabalhos posteriores etc). Além disso, esse discurso verbal é inevitavelmente orientado para discursos anteriores tanto do próprio autor quanto de outros, realizados na mesma esfera (...) Desse modo, o discurso verbal impresso participa de uma espécie de discussão ideológica em grande escala: responde, refuta ou confirma algo, antecipa as respostas e críticas possíveis, busca apoio e assim por diante.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 219)

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volóchinov (2017) diz que os enunciados são também definidos pela “situação social mais próxima” (VOLÓCHINOV, 2017), ou seja, os enunciados só acontecem na interação discursiva e não fora dela. A produção de um enunciado em todas as suas formas considera os destinatários da enunciação e suas condições sociais e históricas, tanto de quem enuncia quanto de quem recebe o enunciado. Assim, para Volóchinov:

A palavra é orientada para o interlocutor, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos), se ele tem ou não laços sociais mais estreitos com o falante (VOLÓCHINOV, 2017, p. 204-205)

Logo, isso evidencia um aspecto essencial do enunciado, o qual implica obrigatoriamente a presença de um autor e de um destinatário, o qual pode ser concreto, ou seja, um interlocutor direto do autor; ou um destinatário presumido, que “não necessariamente presumido pelo autor (embora possa sê-lo), mas que se instala a partir da circulação do enunciado.” (BRAIT, 2005, p. 71) Dessa forma, a revista *Capricho*, apesar de não ter um “interlocutor imediato”, ela pressupõe e traça uma imagem de seus leitores ideais e do grupo social dos quais fazem parte; podemos dizer que o público leitor idealizado pela revista

compreende adolescentes e jovens do sexo feminino, brancas e de classe média-alta, capazes de investir em escolas particulares e em capitais culturais elevados, por exemplo; neste trabalho, as análises mostrarão que tais características podem ser percebidas no periódico a partir das matérias que ele veicula, das dicas de produtos que ele traz, os quais não seriam acessíveis para adolescentes e jovens de todas as camadas sociais. A revista, então, constrói, por meio do discurso, uma imagem de seu público.

Ainda, para Volóchinov, a palavra é um *ato bilateral* por ser definida por duas partes que compõem a interação discursiva: quem fala e quem a recebe, sendo, conseqüentemente, o produto da interação. “(...) A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 205).

Para o autor, não é possível dissociar o enunciado concreto de suas relações sociais e das situações extraverbais, pois, são elas que moldam o enunciado, determinam sua forma e estilo (VOLÓCHINOV, 2017). Por isso, “o centro organizador de qualquer enunciado, de qualquer expressão não está no interior, mas no exterior: no meio social que circunda o indivíduo.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 216), e deve ser interpretado em sua historicidade.

2.2 Gêneros discursivos

Um importante conceito de Bakhtin e o círculo é o de gênero de discurso. A noção é concebida, na obra dos autores, considerando a relação que há entre a linguagem e as atividades humanas, já que agimos e utilizamos a língua conforme as esferas de atividades em que nos inserimos, considerando suas particularidades e funcionalidade. Tais esferas condicionam o surgimento de alguns enunciados, os quais também são alterados de acordo com as mudanças ocorridas dentro das esferas de atividades, a fim de adequar-se às demandas. Por isso, “só se age na interação, só se diz no agir e o agir motiva certos tipos de enunciados, o que quer dizer que cada esfera de utilização da língua elabora tipos relativamente estáveis de comunicação.” (FIORIN, 2008, p. 61)

Os gêneros do discurso são os tipos *relativamente* estáveis de enunciados produzidos pelas esferas e estão intrinsecamente ligados a elas, o que os torna infinitos, pois estas apresentam muitas variantes: “a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-

se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve, e fica mais complexa.” (BAKHTIN, 1997, p. 279)

Além disso, nossa comunicação é completamente permeada por gêneros textuais e só acontece através deles. Os gêneros são, portanto, a ponte entre a linguagem e a vida social; nesse sentido, “a linguagem penetra na vida por meio dos enunciados concretos e, ao mesmo tempo, pelos enunciados a vida se introduz na linguagem,” (FIORIN, 2008, p. 61).

Para entender os gêneros do discurso é necessário compreender as esferas de atividade humanas, as quais sempre se relacionam diretamente com a utilização da língua. Enunciados orais ou escritos, concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou outra atmosfera, refletem as condições específicas e as finalidades de cada esfera.

De acordo com o filósofo russo, os gêneros são variados, tanto os orais quanto os escritos, porque são inúmeras as possibilidades de sua manifestação, conforme os temas discutidos e as finalidades, como por exemplo, o diálogo cotidiano, o relato familiar, a carta, o romance, entre outros. Por isso, para o autor não é coerente colocar em uma mesma classificação fenômenos tão distintos entre si. (BAKHTIN, 1997)

Com isso, Bakhtin considera “essencial” a distinção entre os gêneros primários (simples) e secundários (complexos). Os gêneros secundários são manifestações de contextos culturalmente mais complexos e “evoluídos”, como o romance, o teatro, o discurso científico, etc., que, em geral, circulam na forma escrita. Eles podem absorver os gêneros primários, os resignificando, de forma a perderem sua identidade e função inicial

(...) perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios – por exemplo, inseridas no romance, a réplica do diálogo cotidiano ou a carta, conservando sua forma e seu significado cotidiano apenas no plano do conteúdo do romance. (BAKHTIN, 1997, p. 281)

É impossível dissociar os gêneros do discurso e o estilo, já que os enunciados, independentemente de onde ou em qual forma (oral ou escrita) são produzidos, são individuais e refletem a individualidade de quem os produz. Porém, nem todos os gêneros são capazes de refletir o estilo individual; logo, a individualidade pode ser expressa somente por gêneros mais maleáveis, tais como os literários; entretanto, o mesmo não é possível com gêneros mais padronizados como um documento oficial, por exemplo.

Há a necessidade de distinguir o estilo individual e o estilo geral, este último relaciona-se com o estilo linguístico, ou seja, pertinente a um gênero específico, produzido dentro da esfera de atividade da comunicação humana. Dessa forma, cada esfera tem um

estilo próprio que corresponde à sua própria especificidade. E, de acordo com Brait, “ele [estilo] não pode separar-se da ideia de que se olha um enunciado, um gênero, um texto, um discurso, como participante, ao mesmo tempo, de uma história, de uma cultura e, também, da autenticidade de um evento” (BRAIT, 2005, p. 96)

2.3 Signo ideológico e ideologia

De acordo com Valentin Volóchinov, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, todo signo é ideológico. Além de ser parte da realidade natural e social, os produtos ideológicos a refletem e refratam, de forma que tudo o que é ideológico possui um significado já que representa algo externo, ou seja, é um signo. Sozinho, um corpo físico não é dotado de significado, é apenas compatível à sua natureza. Contudo, a partir do momento em que se torna a representação de mental de algo externo a si mesmo, o corpo físico assume um significado e uma ideologia, conseqüentemente, passa a modificar a realidade e a refleti-la/refratá-la. Um exemplo apresentado pelo autor é a foice e o martelo, os quais são apenas instrumentos de produção, mas, ao estamparem a bandeira russa, tornam-se símbolos do comunismo e carregam em si uma ideologia.

Em suma, todos os tipos de objetos e materiais, independentemente de suas qualidades, podem adquirir o caráter sêmico. Para tal, faz-se necessário que o objeto seja ressignificado, de modo a exceder às suas particularidades.

O signo não é somente parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante (...) Onde há signo há também ideologia. *Tudo o que é ideológico possui significação sêmica.* (VOLÓCHINOV, 2017, P. 93)

O signo é um fenômeno do mundo externo, já que todos os fenômenos ideológicos são concretizados em uma forma material – como som, cor, movimentos corporais, entre outros – e, portanto, podem ser apreendidos sensorialmente. Apesar disso, cada esfera ideológica possui sua particularidade em relação ao modo como o signo reflete e refrata sua realidade.

Uma das principais características do signo é que ele tem sua origem no seio da interação social entre as consciências individuais. Segundo Volóchinov (2017), uma consciência só assume tal identidade a partir do momento em que é ocupada por conteúdos

ideológicos e, conseqüentemente, por signos. Ainda para ser compreendido, é necessário que eles estejam em relação a outros signos, pois são parte de uma cadeia

(...) em outras palavras, a compreensão responde ao signo e o faz com signos. Essa cadeia da criação e da compreensão ideológica, que vai de um signo a outro e depois para um novo signo, é única e ininterrupta: sempre passamos de um elo sógnico, e, portanto material, a outro elo também sógnico. Essa cadeia nunca se rompe nem assume uma existência interna imaterial e não encarnada no signo. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 95)

Assim, o signo não pode ser explicado em si mesmo porque sua existência está ligada a um material sógnico que é social e criado pelo homem. A singularidade do signo, portanto, reside no fato de seu surgimento ocorrer em um “*território interindividual*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 96), ou seja, “(...) ele existe entre indivíduos organizados, de que representa o seu meio e serve como *médium* para a comunicação entre eles.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 96) Até mesmo a concepção de consciência, no Círculo, dá-se na coletividade, uma vez que “a consciência individual é um fato social e ideológico” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 97), porque ela se origina nos signos durante a comunicação socialmente organizada, de forma que “a consciência individual se nutre dos signos, cresce a partir deles, reflete em si sua lógica e as suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação sógnica de uma coletividade.” (VOLÓCHINOV, 2017, p.98). Logo, a consciência também é social e produto da interação.

Por ser originado na interação de indivíduos socialmente organizados, o signo está condicionado pelo contexto da comunicação, ele é determinado pelos aspectos sociais de seus usuários e pelas condições imediatas do momento da interação, de forma que há uma forte ligação entre a condição de dada situação concreta e as formas discursivas de interação, sendo que ambos são sensíveis às mudanças do meio social. Cada época e cada grupo social possuem suas próprias especificidades no que diz respeito ao repertório de possíveis formas discursivas da comunicação ideológica cotidiana; e cada uma dessas formas discursivas têm um conjunto próprio de temas. “Portanto, as formas dos signos são condicionadas, antes de tudo, tanto pela organização social desses indivíduos quanto pelas condições mais próximas de sua interação.” (VOLÓCHINOV, 2017, p.109)

Para o filósofo russo, a palavra nada mais é do que um fenômeno ideológico por excelência e é através dela que são explicadas as formas ideológicas da comunicação sógnica. Além disso, a palavra é um signo *neutro*, pois os mais diversos campos ideológicos possuem signos próprios, os quais apresentam diferentes manifestações, finalidade e funcionalidade

únicas; contudo, a palavra pode assumir uma função ideológica em qualquer campo, desde o científico ao religioso. Outro aspecto essencial é que ela existe entre os indivíduos e é por eles produzida, sem a ajuda de um meio externo a ela; por isso, tornou-se o material da consciência, logo,

a consciência foi capaz de se desenvolver apenas graças a um material flexível e expresso por meio do corpo. A palavra foi justamente esse material. A palavra pode servir como um signo de uso interior, por assim dizer; ela pode realizar-se como signo sem ser plenamente expressa no exterior. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 100)

Outro aspecto importante é que a palavra perpassa todo e qualquer ato ideológico, incluindo os fenômenos ideológicos, como a música. Assim, todos os signos não verbais são “envolvidos pelo universo verbal, emergem nele e não podem ser nem isolados, nem separados dele por completo.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 101) Porém, a palavra não é capaz de substituir totalmente alguns signos ideológicos, os quais são suportados e acompanhados por ela. Torna-se evidente, portanto, a *onipresença social* que a palavra possui, por estar em todas as interações sociais.

Na palavra se realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social. É bastante óbvio que a palavra será o indicador mais sensível das *mudanças sociais*, sendo que isso ocorre lá onde essas mudanças ainda estão se formando, onde elas ainda não se constituíram em sistemas ideológicos organizados. A palavra é o meio em que ocorrem as lentas acumulações quantitativas daquelas mudanças que ainda não tiveram tempo de alcançar uma nova qualidade ideológica nem de gerar uma nova forma ideológica acabada. A palavra é capaz de fixar todas as fases transitórias das mudanças sociais, por mais delicadas e passageiras que elas sejam. (VOLÓCHINOV, 2017, p.106)

2.4 Verbo-visualidade e autoria para o Círculo de Bakhtin

Em seu artigo “A palavra mandioca do verbal ao verbo-visual”, Brait considera os enunciados verbo-visuais como enunciados concretos, que estão inseridos em contextos comunicativos específicos e, consecutivamente, em esferas ideológicas com características próprias. Além disso, fazem parte de um projeto discursivo formado pelo verbal e pelo visual sem alguma distinção, já que, nos gêneros discursivos, as duas dimensões são indissociáveis, ou seja, não podem ser trabalhadas separadamente e são intrínsecas uma a outra. A autora traz o exemplo da esfera jornalística, na qual o projeto discursivo de um jornal, por exemplo, é constitutivamente verbo-visual por causa de suas muitas imagens, ilustrações, gráficos e

outros elementos visuais que são inevitavelmente atrelados ao texto verbal; ademais, soma-se a isso também a disposição das matérias nas páginas e nos cadernos. Desse modo,

O diálogo entre diferentes textos constrói sentidos por meio das especificidades da dimensão verbo-visual (...) O projeto discursivo verbo-visual, assim concebido, permite observar que uma foto pertencente à esfera jornalística vem, necessariamente, acompanhada de uma legenda, a qual participa da produção de sentidos, sinalizando a maneira como o leitor deverá compreender essa foto. Foto e legenda formam um todo indissociável: o lugar ocupado na página, a forma de composição que as associa e a relação de proximidade – geralmente a legenda vem sob a foto, ocupando toda a sua largura – as torna um único enunciado, uma única enunciação. (BRAIT, 2009, p. 143-144)

Logo, se as fotos apresentadas em uma revista fossem deslocadas para outros contextos, como o de uma exposição de arte, elas formariam um novo enunciado concreto, já que foi alterada a esfera de atividade na qual estão inseridas, a recepção e a circulação do novo enunciado, diferindo-se das especificidades da esfera jornalística. A partir das particularidades de cada esfera, torna-se importante salientar a concepção sobre a natureza do texto, o que não é limitado somente ao verbal, mas abrange “o verbal, o verbo-visual, o projeto gráfico, como participantes da constituição de um enunciado concreto, que deve, portanto, ser analisado com base nas especificidades da natureza de seus planos de expressão e da esfera em que circula.” (BRATI, 2009, p.144)

Segundo Grillo (2012), para uma abordagem bakhtiniana de enunciados verbo-visuais, é preciso uma mobilização de quatro aspectos importante: a epistemologia dialógica, a estética, o conceito de autoria e a delimitação de um objeto de estudo. Em primeiro lugar, a autora pontua, de acordo com Amorim (2001), que a epistemologia positivista, na qual os próprios objetos determinam o modelo de análise, e a epistemologia idealista, na qual o sentido é construído pelo homem e seus modelos teóricos, e que

Apagam as diferentes enunciações que produzem um objeto de pesquisa, configurando um discurso monológico. Amorim (2001) propõe que a relação entre sujeito cognoscente e o sujeito a conhecer é de alteridade fundamental e que o objeto das Ciências Humanas não é somente falado, mas, na condição de texto, também o objeto falante (GRILLO, 2012, p.237)

Assim, para Bakhtin, os estudos nas Ciências Humanas devem ser baseados na compreensão, no diálogo, na interrogação e na interpretação dos significados dos signos (GRILLO, 2012). Por isso, é no diálogo do pesquisador e sua teoria com o objeto falante que pauta a epistemologia da teoria bakhtiniana e, além disso, baseando-se em tal perspectiva para

a análise de enunciados verbo-visuais, “deve se pautar, por um lado, no seu caráter real e objetivo e na sua capacidade, enquanto manifestação humana, de determinar o seu modelo de análise, e, por outro. Nas questões e categorias teóricas previamente definidas pelo pesquisador.” (GRILLO, 2012, p. 247)

Em segundo lugar, em relação à estética, para o postulado bakhtiniano, são dois os princípios importantes para uma abordagem verbo-visual: a não restrição a enunciados verbais e a relação entre os diversos campos culturais. Enquanto que para os formalistas russos eram essenciais a construção de uma ciência particular para cada forma de arte e a rejeição da generalização das manifestações artísticas, para Bakhtin, era imprescindível a definição de uma estética geral que se baseia em um objeto estético arquitetônico. O autor busca, portanto, entender a arte a partir de uma ótica estética que não é restrita ao material verbal, mas atende às implicações verbo-visuais.

Em terceiro lugar, a respeito da noção de autoria, para Bakhtin a figura do autor faz-se presente não somente em obras verbais, mas também em visuais, tais como a pintura, em que, apesar de não ser explicitamente visível, é possível sentir a presença do autor na obra. Logo, a questão da autoria é constitutiva nas duas dimensões

Há dois momentos de interação entre intenção discursiva do falante – também chamado de autor ou sujeito – e os gêneros: em primeiro lugar, ocorre a escolha do objeto de sentido e, em segundo lugar, há a escolha do gênero. Ambos os momentos são intrinsecamente subordinados à esfera de comunicação discursiva, sendo que o segundo ainda é definido pelos elementos do momento da comunicação e pelas adaptações necessárias para que seja encaixado no gênero em questão. Percebe-se, pois, que os sujeitos não produzem enunciados livremente, já que só é possível produzi-los de acordo com as esferas em que estão inseridos, “portanto, a subjetividade do falante ou a sua intenção (ou vontade) discursiva se expressa em suas escolhas e está materializada no enunciado, mas é determinada pela esfera, pelas circunstâncias e desenhada pelo gênero discursivo.” (GRILLO, 2012, p.240)

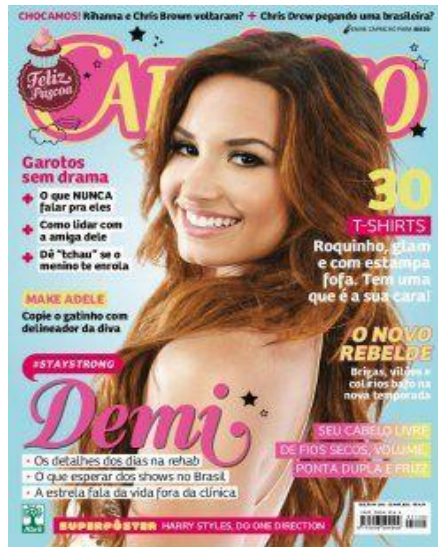
Para Bakhtin, há duas definições de forma: a forma arquitetônica e a forma composicional. A forma arquitetônica diz respeito à construção do texto segundo um projeto de dizer de um *eu* para um outro inseridos em um contexto específico. Logo, tal forma seria a “individualização do objeto estético em uma totalidade pelo autor-criador e pelo leitor, processo que envolve valores cognitivos e éticos da vida e acabamento estético” (GRILLO, 2012, p. 243). Já a forma composicional diz respeito à materialização dos projetos discursivos dos autores, em gêneros do discurso específicos.

3 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A *CAPRICHÔ*

Com sua primeira publicação em 1952, a *Capricho*, pertencente à Editora Abril, é uma revista voltada para o público adolescente. Ao longo de seus 52 anos de história, com o intuito de adequar-se ao contexto histórico-social no qual estava inserida, é possível afirmar que o periódico sofreu alterações. Tal fato reflete-se nas formas de acessá-lo, já que, com a maior popularização das mídias digitais, a partir de 2015, a revista passou a ser veiculada somente por plataformas digitais; reflete-se também nas temáticas abordadas.

A revista apresenta certa regularidade em relação à sua forma e à apresentação de conteúdos, já que esses elementos não sofrem grandes alterações ao longo do tempo analisado. Em primeiro lugar, para dar início à análise, foram levantados quais os assuntos mais relevantes na revista e, a partir disso, foi possível perceber seu público alvo. Em geral, os temas abordados associam-se frequentemente com dicas de moda, relacionamentos, sexualidade feminina e outros aspectos mais culturais, como música e cinema, os quais ajudam a construir a identidade do público leitor, em sua maioria, leitoras adolescentes, com idades que variam de 14 a 17 anos.

Considerando as mudanças nas esferas de atividade das quais o público leitor da *Capricho* faz parte e os debates recentes a respeito do racismo e do papel da mulher negra na sociedade brasileira, o presente trabalho busca compreender como ocorre a representação da adolescente e jovem negra no periódico em questão. Para isso, faz-se necessário investigar como a revista mostra-se para o outro e como dialoga com os discursos sobre representatividade da mulher negra entre os anos de 2012 a 2014, o que é observado a partir do *corpus* escolhido, constituído por seis periódicos impressos, dois para cada ano do intervalo temporal citado, escolhidos aleatoriamente. As revistas selecionadas são:



Figuras 1 e 2: Edições 1145 e 1165, respectivamente, do ano de 2012.



Figuras 3 e 4: Edições 1175 e 1178, respectivamente, do ano de 2013.



Figuras 5 e 6: Edições 1192 e 1203, respectivamente, do ano de 2014.

Em nenhuma das capas dos periódicos escolhidos há a aparição de meninas/jovens, o que indica a falta de espaço que este grupo possui nas revistas. E, além disso, quando meninas ou jovens negras aparecem, elas são colocadas em um lugar de exceção, ou seja, são vistas como não pertencentes à realidade projetada pela revista.

Tal fato pode ser visto, por exemplo, em uma seção intitulada “A incrível história...”, da edição 1145, datada de março de 2012, a qual apresenta casos que fogem do paradigma, assemelhando-se ao gênero relato. Contudo, a voz presente no texto é a do outro, corroborando para a construção de um perfil que se distancia da “menina *Capricho*”. A matéria analisada é intitulada “... Da garota que vive em uma comunidade quilombola”, como mostra a figura 7 abaixo.

A INCRÍVEL HISTÓRIA...

...Da garota que vive em uma comunidade quilombola



Descendente de ex-escravos, Caroline, 14 anos, não tem perfil no Facebook e nunca jantou em um restaurante – mas pode tomar banho de rio quando volta da escola

Texto: Ana Carolina Castro

TODOS OS DIAS, CAROLINE RODRIGUES da Silva, 14 anos, acorda às 5 horas da manhã, toma banho, passa batom e entra no ônibus para ir à escola. Até aí, nada demais – qualquer garota que estuda na sua classe pode fazer isso também, certo? Só que tem um detalhe: Carol não mora na cidade. Ela nasceu e cresceu em uma comunidade rural de descendentes de ex-escravos, ou seja, um quilombo.

Sim, esse tipo de aldeia ainda existe. A de Carol, por exemplo, fica em Iporanga, no interior de São Paulo. E, ali, a vida é muito simples. Para você ter uma ideia, a menina começou a morar em uma casa de alvenaria há pouquíssimo tempo e divide o quarto com dois irmãos, um de 14 e outro de 4 anos. Apesar de não se incomodar com a falta de privacidade, morre de ciúme do seu computador – herança de um programa do governo e que resgatou pouco antes de ele ser descartado. “Não ligo que seja um modelo ultrapassado e não tenha internet. Sou a única que tem esse aparelho na comunidade, então cuido com carinho”, conta. Mas a vantagem termina por aí. “Sinto uma invejinha porque a maioria dos meus colegas tem telefone e acesso a lan houses, enquanto eu só consigo usar a internet na escola. Ouço todo mundo falar de Twitter e Facebook, mas não tenho nem e-mail!” Não que faça muita falta: Carol não é tão ligada à tecnologia e quase não assiste à pequena TV que tem na sala e que sintoniza só três canais. “O único programa que assisto com frequência é *Rebelde*. Prefiro passar as tardes tomando banho de rio ou andando a cavalo.”

Apesar da vida simples, Caroline não gosta de ser tratada como “especial”. “Eu não sou diferente das meninas da cidade. Eu gosto de dançar, de cantar, de ver novela, de ficar com as minhas amigas. A única diferença é que preciso lutar mais para conseguir coisas que na capital são bem mais acessíveis. Eu nunca fui a um shopping ou ao cinema, por exemplo. Só vejo os filmes que passam na TV e minhas

Esta é uma das poucas fotos que Carol tirou na vida. Acredita?



Foto: Arquivo pessoal

“Ser quilombola é só um detalhe. O que importa é que tenho um milhão de sonhos, como todo mundo”

roupas são compradas em lojinhas de Iporanga ou feitas pela minha mãe.” Mas nem por isso a garota se sente diferente. “Ser quilombola é só um detalhe. O que importa é que eu tenho um milhão de sonhos, como todo mundo.”

E, por falar em sonhos, Carol está no primeiro ano do ensino médio, mas já estuda para passar na faculdade. “Quero fazer gastronomia e abrir um restaurante onde possa servir pratos feitos com ingredientes cultivados em comunidades quilombolas, como feijão, cará, inhame”, diz a garota, que nunca jantou fora, mas ajuda a mãe a preparar as refeições. Apesar de sonhar com a cidade grande, a garota não nega suas raízes. “O melhor de morar em um quilombo é que nunca estou sozinha. O que meu pai e meus tios plantam é de todos. As galinhas que minha avó cria também. Somos uma família e sei que minha casa é aqui.”

Figura 7: Reprodução da matéria intitulada “...Da garota que vive em uma comunidade quilombola”, retirada da revista *Capricho*.

Como o próprio título evidencia, a matéria traz a história de uma jovem, descendente de ex-escravos, que mora em um quilombola. A intenção da revista é diminuir as diferenças entre a menina retratada e as leitoras através da aproximação entre as suas realidades. Contudo, a construção textual gera uma ambigüidade argumentativa que recupera os valores sociais.

Assim, ao tentar minimizar as diferenças, a revista acaba tornando-as mais evidentes. Tal fato pode ser percebido no subtítulo da matéria, que diz “*Descendente de ex-escravos, Caroline, 14 anos, não tem perfil no Facebook e nunca jantou em um restaurante – mas pode tomar banho de rio quando volta da escola*”, no qual há a contraposição entre aspectos que são comuns às garotas da cidade com poder aquisitivo, como ter perfil nas redes sociais e frequentar restaurantes, e aqueles que não são comuns a essa população, como é o caso de tomar banho de rio, os quais são vistos com estranhamento e promovem um grande distanciamento entre as duas realidades.

Além disso, há a escolha do olho da matéria, o qual diz que “*Ser quilombola é só um detalhe. O que importa é que tenho um milhão de sonhos como todo mundo*”, um dos poucos momentos em que a voz de Caroline é presente no texto, que também amplia as diferenças entre o padrão da revista e o da garota retratada, respaldando o imaginário acerca da menina/jovem negra e recuperando os valores sociais adotados pela revista. Sabendo, pois, que uma característica essencial do enunciado é o fato de implicar a presença de um autor e de um destinatário presumido, no caso do *corpus* analisado, que “se instala a partir da circulação do enunciado” (BRAIT, 2005, p. 71).

Portanto, por meio da imagem que de seus leitores ideais e do grupo social dos quais fazem parte, a matéria analisada tem a presença de um autor que é identificado e que estabelece interlocuções com seu destinatário – leitoras adolescentes e jovens do sexo feminino, brancas e de classe média-alta -, as quais aparecem na legenda da foto, a qual diz “*Esta é uma das poucas fotos que a Carol tirou na vida. Acredita?*”, e em trechos do texto, como em “*Sim, esse tipo de aldeia ainda existe (...) Para você ter uma ideia, a menina começou a morar em uma casa de alvenaria há pouquíssimo tempo e divide o quarto com os dois irmãos (...)*”.

Há, portanto, a relação de estranhamento àquilo que não pertence à realidade delimitada pelo periódico, no caso, o alvo do estranhamento é a menina/jovem negra que não é parte do padrão apresentado, mas é enquadrada em um lugar de exceção e é vista como o “outro”.

Semelhante caso ocorre na edição 1165, datada de dezembro de 2012, na seção intitulada “*Na real*”, que também apresenta relatos de vivências distintas das leitoras do periódico, de modo similar a “*A incrível história de...*”.

na real

Texto Giselle Hirata

“Morar no morro não me impediu de sonhar”

A pacificação das favelas do Rio de Janeiro mudou a vida de Izabela

Como qualquer garota, Izabela Martins morria de vontade ter uma festa de 15 anos. “Não queria nada muito luxuoso. Só um vestido lindo e todos os meus amigos na pista”, conta. Mas seu desejo parecia impossível. A família e ela moram no Morro da Providência (RJ), uma das favelas pacificadas pela polícia carioca. Dá para imaginar que a vida da Iza não era muito fácil. “Antes da pacificação, tinha tiroteio quase todos os dias. Já rolou de sair da escola com meu irmãozinho e ter que nos escondermos atrás das paredes para se proteger”, lembra.

A família até planejava uma comemoração para seu aniversário, mas uma fatalidade atrapalhou os planos. “Quando eu tinha 14 anos, meu pai foi baleado”, lembra. Falar do assunto é bem delicado. A garota não sabe bem como tudo aconteceu. Alguns dias depois de visitar o pai no hospital, recebeu a notícia de que ele não tinha resistido aos ferimentos. “Eu sinto muito a falta dele.”

A vida da Iza começou a mudar quando ela conheceu os programas de integração criados pela Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) no morro. Para promover a integração entre os moradores e aumentar a sensação de segurança nas favelas (e em toda a cidade), a polícia se mudou para lá e lançou cursos e até um baile de debutantes. “Para se inscrever, a menina precisa morar na Providência e enviar uma redação contando por que



Iza em seu momento princesa ao lado de Thiago Fragoso.

Foto Gabi Amorim

“Na hora da valsa, lembrei muito do meu pai, que morreu baleado.”

merece uma festa de 15 anos”, diz Iza. E adivinha? Ela foi uma das 17 meninas que ganharam uma megafesta no dia primeiro de dezembro de 2012.

Foram quase dois meses de preparação, entre ensaios, provas de looks e reuniões de grupo. O vestido foi uma surpresa: as debutantes estavam de olhos vendados quando as costureiras fizeram os ajustes! “Eu só sabia que ele ia ser rosa”, contou a Iza.

No dia do baile, ela estava feliz e ansiosa. “Nunca tinha

ido ao salão de beleza e me senti uma princesa.” Ao entrar no bufê todo decorado, foi impossível não chorar. “Eu nunca tinha visto minha mãe de vestido. Também lembrei muito do meu pai!”, diz.

A noite foi como um conto de fadas, com direito a príncipes famosos, como o cantor Di Ferrero e o ator Thiago Fragoso. “Eu juro: nunca tinha imaginado ter uma festa assim um dia na vida. Foi a prova de que, por mais impossível que pareça, qualquer sonho pode virar realidade.”

Quer contar a sua história na CAPRICHÔ? Envie para abr.io/narealch

Figura 8: Reprodução da matéria “*Morar no morro não me impediu de sonhar*”, retirada da revista *Capricho*.

Apesar de não se tratar de uma jovem negra, diz respeito a uma parcela da população que também não é representada pela revista e que não faz parte do público presumido pela mesma. A matéria intitula-se “*Morar no morro não me impediu de sonhar*”, e apresenta características próximas as já pontuadas na matéria anterior. Ou seja, também tenta amenizar as diferenças existentes entre o público leitor e a jovem moradora de uma comunidade no Rio de Janeiro, mostrando que, apesar das circunstâncias em que vive, a menina ainda pode sonhar com uma festa de 15 anos como qualquer outra que não se encontra na mesma situação. Há de igual forma, a presença de um autor que estabelece interlocução com seu destinatário – a leitora *Capricho* -, como pode ser percebido pelo trecho “*E adivinha? Ela foi uma das 17 meninas que ganharam uma megafesta no dia primeiro de dezembro de 2012*” (CAPRICHIO, 2012, p. 70)

Para analisar a representação da menina/jovem negra no *corpus*, considerando a falta de espaço que tal grupo possui no periódico, foram escolhidas as seções *Moda & Beleza*, pois estas compreendem grande parte da revista e são recorrentes em todas as edições estudadas. Assim, partiu-se da hipótese de que elas seriam mais sensíveis às mudanças nos discursos relacionados à negritude porque tratam diretamente de aspectos que envolvem o corpo feminino e que abrangeriam essa parcela da população, através de dicas de cuidados com a pele e com o cabelo, por exemplo.

3.1 A (não) representação da menina e jovem negra nas seções *Moda & Beleza*

Em cada seção há um conteúdo que pode variar em subseções e subtemas. Assim, a seção *Moda e Beleza* apresenta diversas subseções como *look*, *cabelos*, *dúvidas de moda*, entre outras. Para uma perspectiva mais específica, dentro de *Beleza*, foram escolhidas as subseções *Cabelo*, *Make* e *Look* a fim de perceber qual é o modelo de beleza construído pelo periódico, já que essas subseções deveriam, em hipótese, perpassar com mais pontualidade sobre questões que fazem parte da identidade da jovem negra, como o tipo de cabelo e a cor da pele. A intenção foi descobrir se e como aparece a menina negra e, em caso positivo, analisar como são configurados os textos verbais e não verbais em seu entorno, se estão em posição de evidência ou não.

Por conseguinte, faz-se necessário considerar que os enunciados verbo-visuais são como um todo de sentido, os quais são inseridos em contextos comunicativos específicos e, conseqüentemente, em esferas ideológicas com características próprias, ou seja, formam um

enunciado concreto. Assim, constituem um projeto discursivo composto pelo verbal e pelo visual, dimensões que, quando apresentadas na revista – tal como a *Capricho* –, são indissociáveis e não podem ser trabalhadas separadamente devido ao fato de produzirem sentido juntas. De acordo com Brait (2009), se tais enunciados fossem deslocados para outros contextos e outras situações comunicativas, formariam novos enunciados concretos, pois teriam passado por uma alteração em sua esfera de atividade, e, conseqüentemente, teriam sua recepção e circulação também modificadas e que seriam diferentes das especificidades da esfera jornalística, na qual circulam revistas como *Capricho*. A partir das particularidades de cada esfera, torna-se importante salientar a concepção sobre a natureza do texto, o qual não é limitado somente ao verbal, mas abrange o verbal, o verbo-visual, o projeto gráfico.

Desse modo, nesta perspectiva que adotamos aqui, não são possíveis as análises da revista *Capricho* baseadas apenas nos textos verbais que veicula, pois é imprescindível atrelá-los aos textos não-verbais, já que, juntas, as duas dimensões formam um enunciado concreto. Logo, a representação da jovem negra ocorre nos textos verbais e visuais, a partir não somente do verbal, mas também do visual, o qual se caracteriza pelas fotos escolhidas para os editoriais de moda, pelas modelos escolhidas e disposição das fotos na página das matérias, por exemplo. São todos estes elementos que permitem, como veremos, a construção de sentidos da falta de representatividade da jovem negra no periódico em questão.

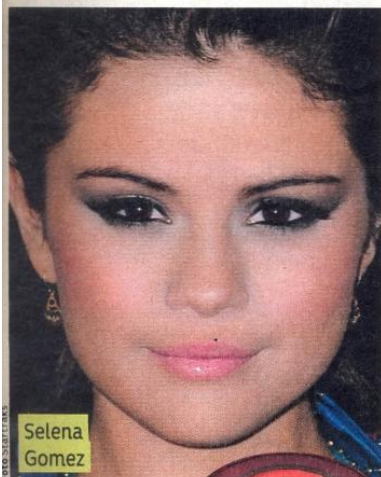
As imagens a seguir revelam que meninas deste público não aparecem na revista com frequência e, quando isso ocorre, elas possuem características que se aproximam do ideal de beleza vigente na sociedade. Isso é mostrado pelo fato de que essas jovens, em suas raras aparições, têm suas peles mais claras, os traços mais “finos” e o cabelo mais liso, atributos similares ao padrão branco de beleza, como mostra as figuras 9 e 10, em que a única mulher negra que aparece nas dicas de maquiagem é uma atriz norte-americana, chamada Kat Grahnam, a qual possui o tom de pele mais claro e está com os cabelos lisos nos dois excertos. E, além disso, as fotos em que elas aparecem não estão em posição de destaque nas páginas das matérias, pois aparecem nos cantos – inferiores ou superiores –, e recuadas ao fundo da página. Na figura 11, há presença de uma modelo negra, porém, novamente ela possui a pele mais clara e os cabelos lisos, assemelhando-se mais ao padrão de beleza socialmente vigente, e o mesmo ocorre na figura 12.

make

Colaboração Camila Saipp (texto)

Blush vale-tudo

O produto afina o rosto, dá um ar saudável e até um bronzeado. Com tanto poder, ele só podia virar o herói do nosso nécessaire!



Selena Gomez

Afinada básica

Para disfarçar a bochecha exibida, faça um bico e aplique blush pêssego abaixo do osso da maçã. Esfume bem.



Blush Pêssego, Sheer (R\$ 9,20)



Kat Graham

Ai, que saúde!

Ganhe uma coradinha passando um blush terracota nas maçãs do rosto e nas têmporas. Perfeito para a escola!



Blush Duo Terracota, Água de Cheiro (R\$ 29,90)



Pérola Faria

Bronzeada, eu?

O segredo para pegar um sol (só que de mentirinha) é espalhar blush bronzante nas maçãs, nas têmporas e no ossinho do nariz.



Blush cor 2, O Boticário (R\$ 26,99)



Zoëy Deschanel

Carinha de boneca

Faz a linha romântica? Então use um rosinha concentrado nas bochechas. Mas esfume bastante para evitar o look "festa junina", hein!



Blush Rosa, Vult (R\$ 12)

COMO FAZ?

Fazer a pele é fundamental

Pre-pa-ra!

O primer prolonga a duração do make. Seu blush agradece!



Primer Isabela Capeto, Parvêl (R\$ 28)

Cobertura impecável

A base uniformiza a pele, o que deixa o blush mais perfeito.



Base líquida, Eliana Archy (R\$ 11,50)

Faça a descansada

Olheiras detonam o colorido das maçãs. Corretivo nelas!



Corretivo HD, Koloss (R\$ 11)

Acabamento sequinho

O pó compacto ajuda a controlar a oleosidade do rosto. Uhu!



Pó compacto, Fenzza (R\$ 5)

Aplicação de expert

Para o blush ficar natural, use um pincel gordinho e macio.



Pincel para blush, Mundial (R\$ 10,88)

Quem deu as informações Rosy Balter, maquiadora do Hair's Design Coiffeur.

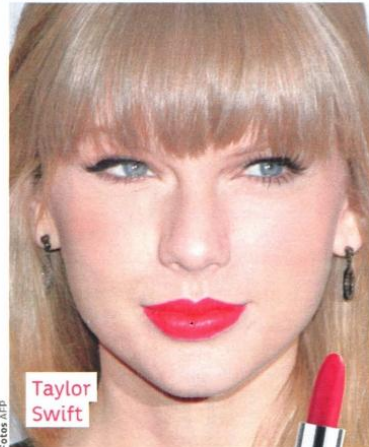
Figura 9: Reprodução de matéria com dicas de *make* na revista *Capricho*. Na imagem, a única representação de mulher negra é a atriz Kat Graham, negra de pele clara e cabelos lisos, características que se aproximam mais ao padrão de beleza adotado pela revista. Tal fato pode ser visto, de igual forma, na figura 10.

make

Colaboração Isadora Attab (texto)

Vai virar moda

Em 2013, o batom vermelho ficará mais molhadinho, o lápis branco fará o olhar brilhar e as sombras chamativas vão reinar



Taylor
Swift

Brilho vermelho
Nosso batom querido continua quente, mas fica mais vivo e com acabamento beem cremoso, molhadinho.

Batom Vermelho 21, Cigana (R\$ 7,80)



Kim
Kardashian

Branco estrela
Parece um detalhe, mas passar o lápis branco na linha d'água abre o olhar imediatamente e destaca o make inteiro. Bonita!

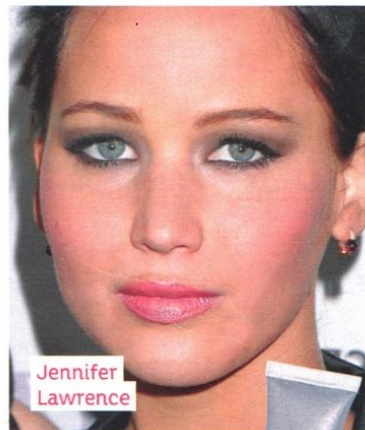
Lápis Branco, Catharine Hill (R\$ 20,90)



Kat
Graham

Pontos de cor
Não importa o tom, as sombras coloridas vão bombar. O legal é usar em toda a pálpebra. Ah, o verde vem forte em 2013. Pode apostar.

Sombra Cintilante Verdito, Quem disse, Berenice? (R\$ 21,90)



Jennifer
Lawrence

Esfumado metal
A sombra com efeito metalizado deixa o smoky eye assim: com a cor forte e o desenho definido. Prata, dourado e cobre vão pegar.

Sombra Brilho Prata, Natura (R\$ 13,90)

COMO FAZ?

2 kits para o ano todo



Lápis Turquesa, Vult Cosmética (R\$ 11,20)

Sombra Golden Girl, Sephora (R\$ 49)

Batom Ultra Hidratante Nice, Dermage (R\$ 45,70)

Primavera e verão

O delineador azul com sombra dourada pede uma boca mais discreta, com batom nude.



Batom Urban Chic True Fuchsia, Artdeco (R\$ 69,90)

Batom Líquido Malted, Mary Kay (R\$ 32)

Sombra Soft Mousse Plaiser, Tracta (R\$ 28)

Outono e inverno

A tendência do azul dura o ano todo. Escolha entre a boca vinho (sexy!) e a apagadinha.

Quem deu as informações Juliana Rakoza, do Studio W Iguatemi; Porfírio Passos, do Studio W Higienópolis.

Onde comprar Catharine Hill: (11) 5070-1060; Cigana: (11) 4220-3516; Dermage: 0800-0241064; Frajo Internacional de Cosméticos (Artdeco): 0800-7733450; Mary Kay: (11) 4003-4620; Natura: 0800-115566; Quem Disse, Berenice?: 0800-7266482; Sephora: sephora.com.br; Tracta: 0800-122911; Vult Cosmética: (11) 4736-8890.

Figura 10: Reprodução de matéria com dicas de *make* na revista *Capricho*.

estilosa

Fotos Lucas Landau

New navy

Carol monta looks com peças básicas. Para equilibrar, escolhe acessórios bem marcantes



Carolina Munhoz,
18 anos, Rio de Janeiro
(RJ)

A combinação do blazer navy com top de renda e saia nude é delicada. Para dar peso, Carol aposta em coturnos, cintos e muitas pulseiras.



MEU MURAL

Chapéu coco

"Tenho usado bastante! Dá um ar bem diferente a cada produção."

Clementine

"Amo a personagem de Brilho Eterno de Uma Mente Sem Lembranças."



"Gosto muito da cantora Alison Mosshart, minha it girl do momento. Quando quero pesar o look, me inspiro nela."



Desfile Oh, Boy!
Verão 2014

"Eu quero!"

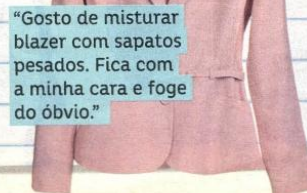


Jack White: amo as músicas dele!



Tendência

"Estes mocassins de veludo dão um toque chique e de menino ao look. Vale apostar!"



"Gosto de misturar blazer com sapatos pesados. Fica com a minha cara e foge do óbvio."

CAPRICHIO 35

Figura 11: Reprodução de uma subseção da revista *Capricho* que traz como referência o estilo de alguma personalidade que pode ser famosa ou não, servindo de inspiração para as leitoras

BARRIGA DE FORA

O conjuntinho de saia e T-shirt cropped virou febre na noite! Fuja do óbvio e invista nas cores. Quem disse que elas não combinam com a balada? Juntar pink e azul é ousado, mas perfeito (e divertido) com acessórios dourados e clutch de penas. #poderosa

BRUNA veste conjunto de top e saia Olook (R\$ 239,90), óculos Evoke (R\$ 699,90), colar Balonê (R\$ 59), bolsa Fethie (R\$ 385) e cinto Danyller (R\$ 95).



Figura 12: Reprodução de editorial de moda na revista *Capricho*, em que a modelo possui pele mais clara e cabelos ondulados, os quais são mais facilmente encaixados no padrão social de beleza.

São excluídas, portanto, quaisquer características não pertencentes a tal paradigma, o que justifica o não aparecimento de jovens negras de pele retinta (mais escura) e de cabelo crespo, por exemplo. Há, pois, nos periódicos examinados, uma tentativa de embranquecimento da jovem negra para minimizar suas diferenças e deixá-la mais próxima do imaginário do qual a leitora da *Capricho* faz parte.

Ademais, não há a valorização de aspectos naturais às negras, já que as dicas voltadas para esta parte do público possuem um caráter pejorativo e impõem a necessidade de tais características serem alteradas para adequarem-se ao modelo predeterminado. Tal fato é notório ao longo do *corpus* e, para demonstrá-lo, foram escolhidas as edições 1145, datada do mês de março de 2012, e 1192, do ano de 2014.

A edição 1145 traz uma matéria intitulada “*Seu cabelo vai fazer você brilhar*”, a qual apresenta alguns tipos de “problemas capilares” – tais como ponta dupla, ressecamento, entre outros -, e as formas de solucioná-los, como é possível observar a partir da primeira página da matéria. Cada dica apresentada é dividida em tópicos intitulados “*Por que eu tenho?*”, “*Corre pro salão!*” e “*Patrulha de casa*”. O primeiro explica as causas de cada “problema”; o segundo aponta quais procedimentos devem ser feitos em salões de beleza para minimizá-lo e, por fim, o terceiro mostra quais cuidados devem ser tomados em casa a fim de manter o cabelo conforme os parâmetros estabelecidos pela revista.

Seu cabelo

vai fazer você brilhar

Pontas duplas, ressecamento, frizz, cor desbotada, caspa e excesso de volume. Dê "tchau" para esses problemas, que podem acabar com o poder dos seus fios e fique poderosa

Edição: Rafaela Siqueira (rasiqueira@abril.com.br) Texto: Carolína Cagno Fotos: Rodrigo Bueno Beleza: Sandro Borges Design: Alberto Lins Produção de moda: Josié Alves

O VILÃO:

Pontas duplas

Por que eu tenho?

As pontas duplas, triplas ou até quádruplas (sim, existe isso!) aparecem quando a cutícula, a parte externa do fio, se parte em duas, três ou até quatro partes. Elas acontecem quando você abusa de tratamentos químicos (coloração, progressiva, relaxamento, tintura), do secador e da chapinha. Os fatores naturais, como sol e o mar, também colaboram.

Patrulha de casa

Você não pode esquecer alguns cuidados básicos, como fazer uma hidratação semanal caseira e pentear os fios no banho, de preferência. O ideal é passar óleo de argan ou protetor térmico toda vez (mesmo!) que for usar a chapinha e o secador.

Spray Protetor Térmico Advance Techniques, da Avon (R\$ 13)

Óleo hidratante de argan, da Lola Cosmetics (R\$ 35)

Óleo de argan, da Embelleze (R\$ 25)

Vou ter que cortar o cabelo?

Notícia ruim: vai sim. Mas isso não significa um corte supercurto. Hoje em dia, existe uma técnica chamada bordado, que elimina as pontas duplas sem tirar mais de 1 cm do comprimento. Geralmente, é feita com o cabelo seco para o profissional ver exatamente quais fios estão mais estragados. Custa R\$ 180, em média.

E o reparador de pontas?

Quer saber se ele funciona? A curto prazo, sim. Os reparadores com silicone e queratina e os leave-ins são recursos de emergência. Eles até camuflam as pontas separadas, pois funcionam como uma cola, mas a mágica acaba na lavagem.

Reparador de pontas, da Basic Hair (R\$ 18)

BASIC
REPARADOR DE PONTAS
Fórmula de polimerização
Protege os fios danificados

PARE AGORA!

- 1 De encostar o secador nos fios (respeite o limite de 20 cm) ou passar a chapinha várias vezes na mesma mecha. É pecado!
- 2 De tirar as pontas duplas com a tesourinha do estojo ou com as próprias mãos porque vai deixar o cabelo ainda mais sensível.
- 3 De escovar os fios molhados. Procure usar um pente com dentes largos e sempre comece a desembaraçar de baixo para cima. Tem que ter paciência!
- 4 De visitar o salão apenas uma vez ao ano. Você pode, sim, manter as madeixas longas (e bem mais fortes) cortando apenas as pontinhas de três em três meses.

Figura 13: reprodução da matéria intitulada "Seu cabelo vai fazer você brilhar", retirada da revista Capricho

O que se faz relevante para o presente trabalho é a dica apresentada a fim de combater o volume excessivo, considerado um “vilão”, como é apresentado na imagem abaixo.

O VILÃO:

Volume excessivo

Por que eu tenho?

São vários os fatores e cada caso é um caso. Pode ser culpa da fibra natural do seu fio, o que acontece principalmente com as cacheadas e crespas. Ou o culpado pode ser o ressecamento (cabelos ressecados tendem a ter mais volume e armarem).

Corre pro salão!

>> SE O SEU CABELO É CACHEADO OU CRESPO...

Faça um relaxamento à base de tioglicolato de amônia, que deixa os cachos soltos, definidos e com volume controlado. O método dura cerca de três meses.

>> QUEM É ONDULADA....

Deve investir numa hidratação profunda ou até na escova progressiva. Os dois processos não mudam a estrutura do cabelo, mas garantem um visual menos armado. Só tome cuidado com os produtos batizados com mais de 0,2% de formol! Eles são proibidos pela lei brasileira.

>> AS LISAS...

Podem apostar na reestruturação (pode pedir assim no salão!), que repõe a massa capilar com ativos presentes na superfície do fio, como a queratina, deixando-o mais assentado por um mês, pelo menos.

Patrulha de casa

Cuidado número 1: use um creme para pentear específico para o seu tipo de cabelo (cacheado, ondulado ou liso) toda vez que lavar os fios. Uma vez por semana, aplique uma máscara hidratante. Aqui, o segredo é a ordem do ritual: primeiro, use um xampu antirresíduos, que limpa e abre as escamas do fio. Depois, espalhe a máscara no comprimento e deixe agir conforme descrito na embalagem. E, por último, passe o condicionador, que vai fechar a cutícula do cabelo e fixar os ativos lá dentro. Enxágue.



Spray para pentear liso perfeito e sedoso, da Seda (R\$ 7,99)

Creme para pentear para cabelos ondulados e encaracolados, da Mahogany (R\$ 26)

Leite para pentear cachos envolventes, da Kerasilk (R\$ 11,90)

PARE AGORA!

- De lavar o cabelo com a água muito quente porque ela elimina a oleosidade natural dos fios, principalmente os mais fininhos. Não quer tomar o banho todo frio? Aposte numa ducha rápida para finalizar.
- De escovar os fios secos (é pecado!). Assim você vai armar ainda mais o cabelo.
- De usar o secador na temperatura e na velocidade máxima. Puxe sempre as mechas para baixo, com o bico do secador na mesma direção, e finalize a secagem com um jato de ar frio para os fios não ficarem revoltados.
- De comprar qualquer tipo de xampu. As versões mais baratas costumam ter muito lauril, um tipo de detergente químico, que agride demais o cabelo, criando volume.

O VILÃO:

Caspa

Como evitar?

Triste verdade: a caspa não tem cura ainda. Mas há vários jeitos para diminuir esse problema. Primeiro, para que ela não evolua da descamação (aqueles pontinhos brancos desagradáveis) para uma irritação no couro cabeludo, lave a cabeça todos os dias. Esse hábito vai tirar o excesso de oleosidade e a pele morta, algumas causas da caspa. Na pior das hipóteses, faça isso dia sim, dia não. Não esfregue o couro cabeludo com muita força ou com as unhas e nem pense em aplicar cremes na raiz do cabelo.

Patrulha de casa

Procure xampus anticaspa e use três vezes por semana. Despeje uma quantidade equivalente à moeda de 1 real (se o seu cabelo for comprido) porque o excesso de xampu pode deixar o couro cabeludo ressecado, causando o efeito rebote. Se não melhorar, vá ao dermatologista.



Xampu anticaspa suavidade & brilho, da Clear (R\$ 8,14)

Xampu anticaspa limpeza revitalizadora, da Head&Shoulders (R\$ 7,99)

PARE AGORA!

- De pensar que o xampu anticaspa vai ressecar os fios. Os produtos atuais contam até com ativos hidratantes, sabia?
- De dormir com os fios úmidos. Esse hábito, a longo prazo, pode estimular a proliferação de fungos e caspa. Eca!

Quem deu as informações: Cris Dias, proprietária do salão Laces and Hair e tricologista, Luciana Macedo de Oliveira, dermatologista e diretora médica da Clínica des Arts, Nando Ardessor, cabeleireiro do salão L'Officiel, Rosiane Pinheiro, cabeleireira do salão 19 Hair, e Soraiia Ferretti, proprietária do salão LunaBlu.

Avon: 0800-7082866; Basic Hair: (11) 5642-1344; Clear: 0800-7077512; Clairol Professional: 0800-117707; Dove: 0800-7077512; Embelleze: 0800-8812667; Kaedo Professional: (21) 2641-4188; Kerasilk: 0800-0213349; Knut: (14) 3204-2000; Lola Cosmetics: 0800-0738626; Mahogany: (11) 3686-6999; Natura: 0800-115566; Procter & Gamble (Head&Shoulders): 0800-7015515; Seda: 0800-7079911; TRESemme: 0800-7079911.

Figura 14: reprodução da matéria intitulada “Seu cabelo vai fazer você brilhar”, retirada da revista *Capricho*

Assim, de acordo com a revista, variados fatores podem causar o volume excessivo, incluindo a “culpa natural do seu fio, o que acontece principalmente com as cacheadas e crespas¹” (CAPRICHIO, 2012, p.45). Há, pois, a construção de uma imagem pejorativa de características que são naturais a pessoas negras, já que esses tipos de cabelos, especialmente os crespos, que são características naturais a esse grupo, são tratados como “vilões”. Percebe-se, portanto, a construção de um valor negativo no que diz respeito a tais aspectos, fato que se torna mais evidente ao longo do texto.

Para solucionar o problema, em “*Corre pro salão!*”, a revista pede que, caso o cabelo seja crespo, “faça um relaxamento à base de tioglicolato de amônia, que deixa os cachos soltos, definidos e com um volume controlado¹ (...)” (CAPRICHIO, 2012, p.45). O cunho imperativo com que a revista dirige-se à leitora é percebido desde o título da subseção *Corre para o salão*, com o verbo correr indicando uma ordem, e é ressaltado com o “faça”, também no modo imperativo, reforçando o tom autoritário da revista. A palavra “controle” corrobora para o valor negativo, pois pressupõe um descontrole, algo que geralmente é associado a algo ruim. Além disso, as palavras “soltos” e “definidos” fazem oposição à curvatura de um cabelo crespo, o qual muitas vezes não tem definição e caimento conforme o “socialmente esperado”, reafirmando a necessidade de ser alterado. Dessa forma, atrelado ao “vilão”, tem-se os vocábulos culpa/culpado, controlado, e, por oposição, soltos e definidos, descrevendo um dos principais elementos que compõe a identidade de uma jovem/adolescente negra, o cabelo.

Segundo Volóchinov, o *tema* de um enunciado é constituído não somente pelos aspectos linguísticos, como a sintaxe e a morfologia, mas também pelo contexto extraverbal da situação em que está inserido, ou seja, é preciso observar que “o enunciado só possui um tema ao ser considerado um fenômeno histórico em toda sua plenitude concreta” (VOLÓCHINOV, 2017, p.228). Porém, além do tema, há a significação, caracterizada como “artefato técnico de realização do tema” (VOLÓCHINOV, 2017, p.229) - é o que possibilita a realização do tema, não tornando possível desassociá-los um do outro. Portanto, os aspectos linguísticos anteriormente destacados (como os vocábulos culpa/culpado, vilão, controle; e os verbos no imperativo, tais como “faça” e “corra”), ao serem analisados dentro do contexto enunciativo, são resignificados e atualizados, adquirindo um valor ideológico que reflete a visão estigmatizada e preconceituosa a respeito do negro.

¹ Grifo(s) próprio(s)

Com isso, ressalta-se que os enunciados pressupõem uma compreensão ativa e dialógica, o que implica que, para compreender um enunciado, o destinatário (este, no caso da revista, manifesta-se na figura do leitor idealizado pela *Capricho*) recebe e compreende o enunciado não de maneira passiva, mas com uma atitude “responsiva ativa”, ou seja, diante do enunciado, ele pode concordar, discordar ou reformular, por exemplo. Esse processo é constantemente elaborado durante o discurso. Toda compreensão é necessariamente acompanhada por uma resposta ativa. (BAKHTIN, 1997; VOLÓCHINOV, 2017) Para isso, há a mobilização de fatores contextuais, pois “cada elemento semântico isolável do enunciado, assim como o enunciado em sua totalidade, é traduzido por nós para outro contexto ativo e responsivo. *Toda compreensão é dialógica.*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 232)

Em suma, o enunciado concreto faz parte de uma extensa cadeia de comunicação e traz em si ecos de outros enunciados, podendo refutá-los ou reafirmá-los; conseqüentemente, sua compreensão ocorre de forma ativa e também é feita a partir da relação entre enunciados, o que permite resgatar os discursos racistas socialmente vigentes.

E esses valores ideológicos negativos em relação a características do negro são recorrentes ao longo do *corpus*, especialmente no que se refere aos cabelos deste grupo, já que na edição 1192, do ano de 2014, há novamente uma matéria – a qual é intitulada “Recupere seu cabelo” (figura 15) - com dicas de cuidados capilares e, quando se refere aos cabelos crespos, aponta a necessidade de “controle” sobre tal aspecto. Assim como o material extraído da edição 1145, o formato dessa matéria é dividido em pequenas seções que apresentam orientações específicas para cada tipo de problema. Na subseção “Frizz em controle” (figura 16), já está evidente no próprio título a necessidade de o cabelo crespo ter seu volume contido, o que é expresso, mais uma vez, a partir do vocábulo “controle”. Tal fato é corroborado pela instrução expressa no final do texto, a qual diz que o uso de determinado creme é “fundamental para dar forma ao cabelo” (CAPRICHIO, 2014, p. 33), ou seja, para deixá-lo mais controlado.

recupere seu cabelo

Uma temporada feliz de sol, mergulhos e preguiça resulta em fios que já não parecem tão saudáveis quanto antes das férias. Cuide bem deles!

Reportagem Giulia Parca
Design Débora Islas

1 Ai, que segura!

Guarde na memória as boas lembranças desse verão e prepare-se para uma temporada de tratamento intensivo para os seus cabelos. A radiação solar, o vento, a água do mar e o cloro da piscina deixam sequelas. Mas elas podem ser reversíveis. A gente ajuda você a diagnosticar o problema e a tratá-lo rapidinho.

PROBLEMAS X SOLUÇÕES

✖ **Ressecamento ao extremo:** sol, sal e vento removem facilmente a oleosidade dos fios, que funciona como uma espécie de protetor natural, e ainda deixam que a água escape.

✖ **Brilho zero:** os raios ultravioleta podem abrir as escamas dos fios. Daí, a superfície lisinha fica toda bagunçada e já não reflete a luz como antes!

✖ **Fios frágeis e quebradiços:** se a agressão é intensa, o fio, que já tem as escamas abertas, perde proteínas, os tijolinhos do seu cabelo.

✖ Quando voltar à rotina, reduza a quantidade de lavagens para dar tempo de a oleosidade se espalhar pelos fios até a ponta. Os finalizadores em óleo também vão ajudá-la.

✖ Silicones ajudam a selar temporariamente as escamas e devolvem a luminosidade. A longo prazo, cremes de tratamento têm esse efeito.

✖ Reposição de queratina é seu mantra. No creme de tratamento e na ampola (você pode misturá-la a uma máscara comum para potencializar seu efeito.)



CAPRICHOS 31

Figura 15: reprodução da matéria intitulada “Recupere seu cabelo”, retirada da revista Capricho

4

CABELO DE SALÃO

Sobrou uma grana? Invista num tratamento profissional. O cabeleireiro sabe qual o ideal para o seu caso.

Cuticle Porosity Reconstructor

Esse tratamento, da Senscience, promete repor as proteínas dos fios e reconstruir as escamas dos fios. Em duas etapas, leva cerca de 15 minutos. Pode custar até R\$ 290. (Ai, que caro!)

Color Extend Magnetics

Contém um ativo que ajuda a selar as moléculas de cor e cria uma barreira hidrofóbica. O sistema, da Redken, é indicado para quem, ao mesmo tempo, precisa revitalizar os fios e quer manter a cor. Nos salões, pode custar R\$ 250.

Bordado de Dios

Essa é uma técnica de corte feita com pente e tesoura, exclusiva do Spa Dios, em São Paulo. Ela remove as pontas duplas sem alterar o comprimento. Yey! Cada sessão leva 30 minutos e, dependendo do estado em que o cabelo está, você pode precisar de até três visitas. Ao preço de R\$ 280.

Cauterização

Um clássico da recauchutagem pós-verão. Uma máscara de proteínas é aplicada nos fios. Elas são fixadas ao fio com o calor de uma chapinha específica, que chega até a 60°C. Por ser tradicional, também é a opção menos cara: o preço médio é R\$ 100.



Lucy Ramos

5 **Frizz sob controle**

Por terem cachos menores e mais fechados, os cabelos crespos tendem a ser naturalmente mais frágeis e secos. Isso acontece porque o formato dos fios dificulta a chegada dos nutrientes no comprimento e nas pontas – a gente nem precisa dizer que usar máscaras de hidratação é extremamente importante, né? Também vale investir nos produtos à base de vitamina E, no óleo de gardênia e na semente de babacu para fazer uma hidratação mais intensa. O leave-in continua sendo fundamental para dar forma ao cabelo e deve ser usado diariamente.



Lorde

6 **Cachos em forma**

A overdose de agressão aos fios destrói as microestruturas, que mantêm o cabelo inteiro, e é natural que ondas e cachos fiquem sem forma. Reconstruí-los, então, será essencial – e você pode fazer isso repetindo a aplicação de máscaras capazes de devolver à fibra seus nutrientes duas ou três vezes por semana. Durante a recuperação, pegue leve: desembarace ainda no banho, com um pente de dentes largos, começando pelas pontas e então seguindo pela raiz. E até a recuperação total, deixe secar ao natural: marque só as mechas de cima com babyliss.



Figura 16: reprodução da matéria intitulada “Recupere seu cabelo”, retirada da revista *Capricho*

Enquanto na matéria de 2012 há o uso de “crespas” e “cacheadas” para rotular quem possui estes atributos, ou seja, pessoas negras, substituindo a parte pelo todo, em 2014, há a presença da imagem de uma mulher negra acompanhando o texto verbal; contudo, esta aparece no canto superior e em tamanho reduzido quando comparado às demais imagens da página, não se encontrando em posição de destaque. Comparando os dois casos, percebe-se que não há o uso da palavra “negra” ou “afrodescendente” nos textos verbais, fato que contribui, em nossa interpretação, para o apagamento e não valorização da menina/jovem negra. Este é um movimento constante nas revistas analisadas, nas quais não há a aparição da palavra “negra”.

Dessa forma, há um discurso autoritário em relação à beleza, que exclui e trata de forma pejorativa com imperativo de mudança aquilo que não pertence ao ideal estabelecido. Os valores veiculados não são discutidos, mas reforçados no gênero em questão, que pode ser classificado como um guia.

3.2 Gênero do discurso: As seções de *Moda & Beleza* como um guia

Bakhtin, em sua discussão sobre os gêneros do discurso, pontua que as ações humanas ocorrem a partir das esferas de atividades, as quais produzem e condicionam, conseqüentemente, enunciados com funções específicas conforme a finalidade de cada esfera, os quais também sofrem alterações para adequarem-se a cada uma. Logo, há uma relação entre a linguagem e as atividades humanas. Os enunciados relativamente estáveis de uma esfera dão origem aos gêneros discursivos, os quais permeiam a comunicação e são infinitos, pois variam de acordo com as esferas de atividade humanas.

De acordo com Fiorin, “não só cada gênero está em incessante alteração; também está em continua mudança de seu repertório, pois, à medida que as esferas de atividade se desenvolvem e ficam mais complexas, gêneros ganham um novo sentido.” (FIORIN, 2008, p. 65) Os gêneros, portanto, ganham novas significações e formas, ao mesmo tempo em que as relações sociais também são ressignificadas. Os gêneros são compostos por três elementos: o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo. O primeiro diz respeito à finalidade discursiva; o segundo, à estrutura e organização do texto e, por fim, o terceiro relaciona-se aos elementos linguísticos mobilizados para a construção textual. Este aspecto e os gêneros são intimamente ligados, os dois são indissociáveis e os enunciados, independentemente de onde ou em qual forma (oral ou escrita) são reproduzidos, são individuais e refletem a

individualidade de quem os produz. Porém, nem todos os gêneros são capazes de refletir o estilo individual; assim, a individualidade pode ser expressa pelos gêneros mais maleáveis, como o literário; entretanto, o mesmo não é possível em gêneros mais padronizados, como um documento oficial, por exemplo.

Assim, a partir da caracterização dos gêneros discursivos, pode-se entender as seções *Moda & Beleza* como um guia. De acordo com Borba (2002), um guia seria definido como algo que dá orientações ou instruções sobre determinado assunto ou serviços, as quais tornam possível agir de acordo com normas, dicas ou conselhos previamente instituídos e assumem para si uma posição de prescrever comportamentos ou transmitir ensinamentos sobre algum tema. Tal gênero circula na esfera do cotidiano e tem como estilo a instrução. Desse modo, na situação de comunicação presente no gênero guia, há a interação entre um orientador, figurado pelo autor ou falante, e um orientado, figurado por um leitor ou ouvinte. (CARMELINO, 2013)

Na revista *Capricho*, as seções *Moda & Beleza* adquirem características de um guia, pois possuem a finalidade de instruir e estabelecer em seus interlocutores o padrão de beleza ideal vigente na sociedade, como analisado na seção anterior. Neste contexto, quem assume a posição de orientador é o próprio periódico, enquanto seus leitores atuam como orientados, já que são os receptores das orientações. Tal fato é percebido por meio do estilo imperativo e do tom autoritário que os enunciados veiculados pela revista assumem. Esta autoridade ainda é manifestada na forma em que não há discussões acerca dos valores transmitidos, os quais são apenas reafirmados. Dessa forma, o gênero em que se materializa esse discurso, reforça caráter autoritário e excludente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Capricho* é uma revista que, ao longo de seus 67 anos, passou por modificações a fim de adequar-se ao momento sociocultural em que estava inserida. Essas alterações dizem respeito tanto às temáticas abordadas pela revista quanto à forma como ela é veiculada socialmente, já que, desde 2015, ela deixou de ser impressa e é distribuída apenas por plataformas digitais. Este trabalho partiu da hipótese de que, com o advento das mídias sociais e através das maiores discussões sobre questões atreladas ao racismo e à figura da mulher negra, o periódico incorporaria em suas temáticas as recentes conversas. Assim, este trabalho teve como objetivo geral analisar aparição de temáticas relacionadas à negritude na revista

Capricho e como objetivo específico analisar a possível representação da menina/jovem negra nas seções *Moda & Beleza* e em alguns gêneros presentes no periódico.

Para tanto, foram escolhidos aleatoriamente seis periódicos que fazem parte do período temporal estabelecido, o qual compreende os anos de 2012 a 2014. A partir do levantamento dos assuntos por eles transmitidos – como moda, música, saúde, beleza e cultura –, foi possível depreender seu público idealizado, o qual mostrou ser voltado para meninas brancas, de classe média-alta, estudantes de escola particular e com acesso a capitais culturais elevados. Apesar de ser disponível para compra a um grande grupo heterogêneo de meninas que possuem entre 14 e 17 anos, apenas aquelas que se encaixam na realidade produzida pela revista é que são representadas pela mesma, mostrando seu caráter excludente e que desconsidera as possíveis diferenças que existem nesse conjunto, tratando o todo de forma homogênea.

A não representação da menina/jovem negra pode ser percebida em diversas maneiras ao longo do *corpus*, a começar pela não existência, dentro do recorte temporal feito, de capas com atrizes ou modelos negras. E, ao longo da revista, nas poucas vezes em que elas aparecem, são vistas como não pertencentes ao paradigma de normalidade criado pela *Capricho*, evidenciando o abismo que há entre a leitora ideal do periódico e a leitora real, a jovem negra.

Tal fato torna-se ainda mais evidente a partir das análises das seções *Moda & Beleza*. A escolha das mencionadas seções justifica-se pelo fato de elas tratarem diretamente de aspectos relacionados ao corpo e que seriam mais sensíveis à representação da menina/jovem negra. Contudo, os dados levantados apontaram que a representação do citado grupo não ocorre ou é feita de forma ínfima e pejorativa, o que é manifestado na construção dos enunciados verbo-visuais, nos quais tanto a construção verbal quanto a visual corroboram para isso. Assim, os textos constantemente apresentam as características naturais à população negra como aspectos que necessitam de alteração a fim de enquadrarem-se dentro do padrão de beleza adotado e vigente na sociedade, os quais são associados a um campo semântico negativo e depreciativo. Além disso, as poucas modelos ou atrizes negras que aparecem possuem características que se assemelham aos padrões brancos de beleza, ou seja, possuem peles mais claras, os cabelos mais lisos e os traços mais “finos”, não trazendo pessoas negras com os traços retintos. Há, pois, uma tentativa de embranquecimento da menina/jovem negra por parte da revista.

As análises revelam ainda o caráter autoritário das seções *Moda & Beleza*, as quais se comportam como um guia e assumem a voz de orientador, com suas dicas e regras a serem

seguidas, enquanto que as leitoras assumem a posição de orientadas, que têm a necessidade de se enquadrar no padrão estabelecido pela revista. Dessa forma, sabendo que não há discursos livre de influências ideológicas (FIORIN, 2008) e que os signos são reflexos das estruturas sociais (VOLÓCHINOV, 2017), a revista não discute ou relativiza os valores apresentados, os quais são consoantes àqueles que circulam socialmente, e apenas os transmite de forma a conservá-los.

Portanto, a partir dos dados analisados nas seções *Moda & Beleza*, percebe-se a construção de um imaginário sobre a menina/jovem negra, nas quais há uma concepção negativa e pejorativa em relação ao fenótipo negro que é tratado como algo que necessita de alterações a fim de ser enquadrado no que é proposto pela revista. Esses valores negativos são compartilhados com os leitores idealizados pelo periódico e podem ser vistos não apenas nas mencionadas seções, mas perpassam pelo *corpus* estudado. Dessa forma, além de ter seus aspectos desfavorecidos, a menina/jovem negra é associada a um lugar de não pertencimento e de exceção da normalidade estabelecida pelo periódico.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 421 p.

BRAIT, Beth.. (Org.). **Bakhtin conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2005. 223 p.

_____. A Palavra mandioca do verbal ao visual. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.142-160, 1º sem. 2009

_____. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 2, n. 8, p.43-66, Jul/Dez de 2013

BORBA, F. S. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

CARMELINO, Ana Cristina. Humor, Multimodalidade e Hibridismo: Elementos característicos do gênero guia. **Intersecções: Revista de Estudos sobre Práticas Discursivas e Textuais**, Jundiaí, v. 2, n. 10, p.68-88, nov. 2013. Disponível em: http://www.Portal.anchieta.br/pdf/intersecções_ano_6_numero_2.pdf#page=68 Acesso em: 23 out. 2019

CAPRICO. São Paulo: Abril, n. 1145, 23 mar. 2012

_____. São Paulo: Abril, n. 1165, 30 dez. 2012

_____. São Paulo: Abril, n. 1175, 19 maio 2013

_____. São Paulo: Abril, n. 1178, 30 jun. 2013

_____. São Paulo: Abril, n. 1192, jan. 2014

_____. São Paulo: Abril, n. 1203, out. 2014

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Editora Ática, 2008. 144 p.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. Dimensão verbo-visual de enunciados de Scientific. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 2, p.8-22, 2º sem. 2009.

_____. Fundamentos bakhtinianos para a análise de enunciados verbo-visuais. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 14, n. 2, p.235-246, 2012.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017. 376 p. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo